

**A INTEGRAÇÃO COMERCIAL
DA INDÚSTRIA PARANAENSE
NOS ANOS NOVENTA**

CURITIBA

2002

INSTITUTO PARANAENSE DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL - IPARDES

PAULO MELLO GARCIAS - *Diretor-Presidente*

ANTONIO CARLOS POMPERMAYER - *Diretor Administrativo-Financeiro*

SIEGLINDE KINDL DA CUNHA - *Diretora do Centro de Pesquisa*

ARION CESAR FOERSTER - *Diretor do Centro Estadual de Estatística*

RESPONSÁVEL TÉCNICO

Daniel Nojima - *economista*

PROGRAMAÇÃO E SISTEMATIZAÇÃO DO BANCO DE DADOS

Francisco Carlos Sippel - *analista de sistemas*

APOIO TÉCNICO OPERACIONAL

Maria Cristina Ferreira (revisão)

Ana Batista Martins (editoração do texto)

Maria Dirce Botelho Marés de Souza (normalização bibliográfica)

A532a Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social
A integração comercial da indústria paranaense nos anos
noventa / Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e
Social. – Curitiba:
IPARDES, 2002.
29 p.

1. Indústria. 2. Comércio exterior. 3. Reestruturação industrial.
4. Competitividade. 5. Industrialização. 6. Paraná. I. Título.

CDU 338.45:339.5"1990/2000"(816.2)

SUMÁRIO

LISTA DE TABELAS	iv
INTRODUÇÃO	1
1 INDICADORES E FONTES DE INFORMAÇÃO	3
2 OS COEFICIENTES DE COMÉRCIO DA INDÚSTRIA DO PARANÁ NA DÉCADA DE NOVENTA	6
3 REORGANIZAÇÃO INDUSTRIAL, COMPETITIVIDADE E COMÉRCIO EXTERIOR....	17
CONSIDERAÇÕES FINAIS	23
REFERÊNCIAS	26
APÊNDICE	27

LISTA DE TABELAS

1 - ÍNDICES DO VOLUME DE ESTABELECIMENTOS EXPORTADORES E IMPORTADORES DE INSUMOS, COM COEFICIENTES ACIMA DE 1% - 1990-2000	7
2 - PROPENSÕES A EXPORTAR E IMPORTAR DA INDÚSTRIA DO PARANÁ - 1990-2000	8
3 - COEFICIENTES DE EXPORTAÇÃO (CE) DA INDÚSTRIA DO PARANÁ - 1990-2000	9
4 - COEFICIENTES DE IMPORTAÇÃO DA INDÚSTRIA DO PARANÁ - 1985-2000.....	13
5 - COEFICIENTES DE PENETRAÇÃO DA INDÚSTRIA DO PARANÁ - 1985-2000.....	14
6 - COEFICIENTES DE COMÉRCIO DA INDÚSTRIA DO PARANÁ SEGUNDO A REORGANIZAÇÃO DE MAIOR DINAMISMO COMPETITIVO CONSIDERANDO INDICADORES DE MALHA PRODUTIVA E PRODUTIVIDADE MÉDIA - 1995-2000	18
7 - COEFICIENTES DE COMÉRCIO DA INDÚSTRIA DO PARANÁ SEGUNDO A REORGANIZAÇÃO DE MENOR DINAMISMO COMPETITIVO CONSIDERANDO INDICADORES DE MALHA PRODUTIVA E PRODUTIVIDADE MÉDIA - 1995-2000	19

INTRODUÇÃO

O presente artigo analisa a evolução do comércio exterior da indústria paranaense nos anos noventa, em face de alguns fatos importantes que marcaram o período.

Um deles corresponde ao processo de abertura comercial do país, o qual ampliou as relações de troca, reduziu gradualmente desvantagens comparativas da indústria de transformação e direcionou a pauta exportadora para bens mais sofisticados. Por outro lado, tal processo elevou substancialmente o conteúdo importado frente ao exportado, com crescimento dos coeficientes de importação superiores em pelo menos 50% aos de exportação na década, dependendo da fonte primária de informação empregada e de particularidades metodológicas. Em decorrência disso, a balança comercial teve sua condição superavitária invertida para deficitária, a partir de 1995, alcançando saldo positivo (US\$ 2,64 bilhões) apenas a partir de 2001.

Nesse contexto, os desafios vêm sendo substituir importações em setores sensíveis e atacar causas estruturais do baixo dinamismo exportador brasileiro, explicado, em parte, pelas condições adversas do mercado internacional e pelo longo período de valorização cambial, principalmente entre 1995 e 1999, e, também, pelas modestas taxas de expansão da capacidade produtiva, dadas pelo caráter predominantemente modernizante dos investimentos, os quais, apesar de crescentes desde meados do decênio, elevaram o estoque de capital na indústria brasileira entre 1995 e 2000 em modestos 12,8% (FONSECA; MENDES, 2001). Ao mesmo tempo, o baixo desempenho exportador associou-se à lenta reversão do viés antiexportador herdado do período protecionista, indicada na manutenção da reduzida propensão a exportar, segundo Markwald (2001) e Pinheiro e Moreira (2000).

Somou-se ainda à abertura comercial a formação do bloco regional do Cone Sul – o Mercosul –, que ampliou as oportunidades de crescimento econômico do País e do Estado. Desde sua criação, as vendas externas do Paraná ao bloco

cresceram 680%, alcançando 10% de participação do total em 2000, atrás apenas das vendas aos Estados Unidos e Europa.

Um outro fato relevante foi a retomada do crescimento da base industrial no Paraná a partir de meados da década passada, abordada em IPARDES (2002b), estudo que, por alguns de seus resultados, sugere potencialidades para o comércio exterior desse setor produtivo no Estado. Primeiramente, ao mostrar crescimento e especialização em segmentos de maior sofisticação tecnológica e a tendência à modernização, diversificação e substituição de atividades mais tradicionais. Segundo, ao identificar processos de reorganização que tenderam a otimizar a competitividade industrial nos ramos de maior conteúdo de tecnologia e capital e a desfavorecê-la principalmente em ramos mais atrasados das indústrias tradicionais, fornecedoras, e, excepcionalmente, em alguns ramos das indústrias tecnológicas.

Os impactos mais visíveis dessa retomada no comércio exterior têm se circunscrito ao crescimento do ramo de material de transporte e à redução do complexo soja na pauta de exportações, e às expressivas elevações na compra de insumos como em material elétrico na pauta das importações. Além disso, a base exportadora permaneceu fortemente concentrada, com apenas cinco grupos de produtos dominando 43,7% das exportações no ano de 2000 (WOSCH, 2001 e ANÁLISE CONJUNTURAL, 2001).

O principal objetivo deste estudo é analisar a evolução do potencial exportador e do perfil importador de insumos da indústria paranaense. A próxima seção traz alguns comentários a respeito da fonte de informação e dos indicadores utilizados. Em seguida, apresentam-se os resultados relativos ao desempenho e comportamento exportador e importador de insumos das firmas industriais do Estado. Na terceira seção esses resultados são analisados sob o ponto de vista do processo geral de abertura comercial e, na quarta seção, sob o ponto de vista do processo de industrialização recente do Estado.

1 INDICADORES E FONTES DE INFORMAÇÃO

Nos últimos anos tem sido resgatada, nas análises do comércio exterior brasileiro, a metodologia dos coeficientes de exportação e importação. Esse resgate decorre da necessidade de constante estudo e acompanhamento do desempenho comercial do país – intensificada no novo ambiente de abertura e globalização –, sendo fundamentalmente favorecido, também, pelo processo de recuperação da base de informações socioeconômicas promovido pelo IBGE na década passada. Nesse sentido, tem sido de grande importância a atualização das Contas Nacionais e da Pesquisa Industrial Anual (PIA), a qual tem permitido, entre outros, o levantamento das transformações das estruturas produtivas e da produtividade dos fatores dos diversos setores econômicos do País.

Os coeficientes de comércio são apurados pela razão dos valores exportado e importado entre o valor bruto da produção e permitem avaliar o grau de inserção das economias nacionais e/ou regionais na economia mundial, além de propiciar, dependendo da disponibilidade setorial das informações, a caracterização estrutural dessa inserção. Para o caso brasileiro, as fontes de informação usuais para os valores brutos da produção têm sido as já citadas Contas Nacionais, a Pesquisa Industrial Anual (PIA) e, visando a um período maior, o Censo Industrial de 1985, a Pesquisa Industrial Mensal-Dados Gerais (PIM-DG) e a Pesquisa Industrial Mensal-Produção Física (PIM-PF), todas do IBGE.¹ Para os valores de exportação e importação, tem sido usada a base de informações do MDIC/SECEX.

Para a indústria paranaense optou-se pelo aproveitamento do cadastro de informações fisco-contábeis da SEFA-PR, o qual, por ser um cadastro com informações por estabelecimento produtivo, seria normalmente utilizado para apurar propensões ao comércio exterior, como o fazem Moreira (1999b) e Markwald (2001) com informações do Imposto de Renda de Pessoa Jurídica (IRPJ), da Receita

¹Ver Haguenaer, Markwald e Pouchet (1998) e Moreira (1999a).

Federal. Como se mostra mais adiante, essas propensões são calculadas, no presente trabalho, por meio de uma metodologia alternativa.

De qualquer modo, a escolha dos dados da SEFA-PR baseia-se na disponibilidade de dados diretos de compra de insumos e vendas de bens finais do exterior e para o exterior dos estabelecimentos industriais, em que os valores monetários destas transações já estão transformados em moeda corrente do país. Além disso, seu uso corresponde à continuidade do trabalho realizado em IPARDES (2002b), permitindo uma análise mais direta e precisa das transformações industriais do Paraná ali registradas. Dessa forma, calculou-se o Coeficiente de Exportação (CE), o Coeficiente de Importação (CI) e o Coeficiente de Penetração (CP), conforme definidos abaixo:

$$CE = VS \text{ do Exterior} / VS \quad (1)$$

$$CI = VE \text{ do Exterior} / VE \quad (2)$$

$$CP = VE \text{ do Exterior} / VS \quad (3)$$

Onde:

VS: Valor das Saídas (correspondente ao valor bruto da produção);

VE: Valor das Entradas (correspondente à compra de insumos para produção).

Com relação ao uso dos indicadores, justamente por disponibilizar informações de compras restritas a insumos, e não de bens finais pelas empresas do Estado, não permite critérios equivalentes de comparação das relações de troca da sua indústria. Ou seja, não sendo exatamente adequado comparar trocas de bens por insumos, não faz sentido discutir, nesse caso, comércio inter ou intraindustrial.

Sob essas condições, os coeficientes de exportação devem propiciar a leitura da evolução da capacidade de exportação e sugerir perfis de especialização setorial. Por sua vez, os coeficientes de importação e de penetração devem indicar o conteúdo de insumos estrangeiros na estrutura produtiva regional, bem como apontar insuficiências e dotações internas das cadeias de fornecimento desta estrutura. E, em conjunto, ambos podem indicar o modo de inserção das exportações do Estado – por exemplo, se este é mais ou menos dependente de importações de insumos.

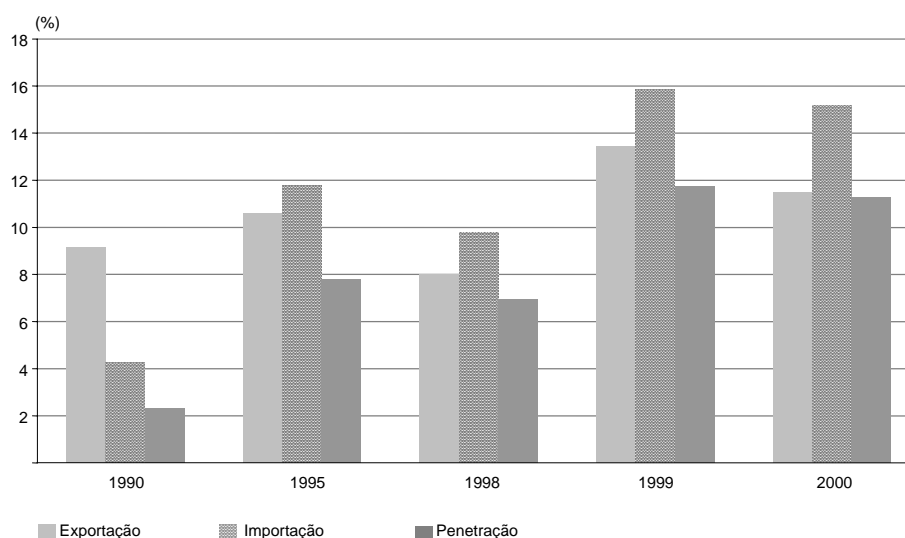
Além desses coeficientes, calcularam-se propensões a exportar e a importar, dadas por médias dos coeficientes das firmas individuais nos ramos, e separadas em três modalidades, seguindo a metodologia usada em IPARDES (2002b). As propensões *médias* refletem as propensões médias das firmas de pequeno, médio e grande portes em cada ramo; as propensões *gerais* refletem o peso ponderado do volume de estabelecimentos de cada estrato no conjunto do ramo (como na maior parte dos ramos a tendência é o predomínio de firmas de pequeno e médio portes, o indicador tende a indicar as propensões das firmas desses portes); as propensões *relevantes* refletem o peso ponderado da soma do faturamento de estabelecimentos de cada estrato no conjunto do ramo (considerando que na maior parte dos ramos as firmas de maior porte tendem a concentrar o valor da produção, o indicador tende a refletir as propensões das firmas desses portes).

Todos os indicadores foram aplicados a sessenta ramos industriais classificados em três grupos (tecnológico, fornecedor e tradicional), seguindo a mesma taxonomia industrial adotada em IPARDES (2002b). Calcularam-se, a partir dos indicadores por ramos, médias simples para os três grupos. Para o conjunto desta taxonomia obtiveram-se, também, coeficientes a partir de médias simples e coeficientes totais, dados pelas razões entre as somatórias de todos os ramos em cada variável, com o intuito de permitir comparabilidade com os coeficientes obtidos para o País.

2 OS COEFICIENTES DE COMÉRCIO DA INDÚSTRIA DO PARANÁ NA DÉCADA DE NOVENTA

A primeira observação dos coeficientes mostra a indústria paranaense seguindo, durante o processo de abertura comercial na década passada, tendências semelhantes à experiência da indústria brasileira, de crescimento significativo do conteúdo importado de insumos, e de crescimento menos expressivo do conteúdo exportado de bens finais (gráfico 1).

GRÁFICO 1 - COEFICIENTES DE COMÉRCIO DA INDÚSTRIA DO PARANÁ - 1990-2000



FONTES: IPARDES

Notadamente, o crescimento do coeficiente de importação foi maior na primeira metade do período e menor na segunda, em função da aceleração da redução das barreiras tarifárias no primeiro quinquênio – de 30% para 13%, segundo Kume (1996) – e do Plano Real em 1995. Nesse ano, o forte aumento do consumo e da utilização da capacidade instalada da indústria, a valorização cambial e o alcance dos menores níveis tarifários contribuíram para elevar o conteúdo importado das empresas e do mercado consumidor e, inclusive, reduzir o ritmo de ampliação do conteúdo exportado. Posteriormente, a revisão para cima das tarifas de variada gama de produtos finais, o desaquecimento interno, as crises das economias doméstica e mundial e a mudança da política cambial a partir de 1999 abrandam o ritmo de crescimento das relações de troca.

Em 2000, os coeficientes totais de exportação e importação de insumos para o Estado estabilizaram-se em 11,5% e 15,2%, respectivamente, sendo o primeiro inferior ao equivalente obtido por Moreira e Puga (2001) para a indústria nacional, de 15,5% no mesmo ano (ao câmbio de 1998). Particularmente, o registro de coeficientes de exportação do Estado inferiores aos do País pode ser explicado pelo diferencial de “tamanho” entre suas indústrias, pelo decorrente diferencial de diversificação, naturalmente maior na indústria nacional, e pela integração da indústria estadual ao País, destinando sua produção a outros estados da federação. No caso do coeficiente de penetração de insumos, a média de 6,1% em 2000 para o Paraná é razoavelmente próxima aos 5,7% em 1996 para o Brasil, obtido por Haguenaer et al. (2001)²

Por sua vez, a divergência nas trajetórias dos coeficientes, com o aumento muito superior dos coeficientes de importação de insumos (255,5% entre 1990 e 2000) comparativamente aos de exportação (25,5% na mesma comparação), justifica-se por alguns fatores. Primeiramente, pelo menor avanço do volume de estabelecimentos exportadores (190%) frente ao dos importadores (222,2%) no período. Inclusive, com tais trajetórias, reduz-se a proporção entre o volume de estabelecimentos exportadores e importadores em 2000 (tabela 1).

TABELA 1 - ÍNDICES DO VOLUME DE ESTABELECIMENTOS EXPORTADORES E IMPORTADORES DE INSUMOS, COM COEFICIENTES ACIMA DE 1% - 1990-2000

ESTAB. E PROPORÇÃO	ANOS					TAXAS (%)
	1990	1995	1998	1999	2000	2000/1990
Exportadores (X)	100,0	219,6	235,3	268,9	290,6	190,6
Importadores (M)	68,9	182,6	202,6	202,6	222,1	222,2
Proporção X/M	145,1	120,3	116,2	132,8	130,8	-9,8

FONTE: IPARDES

Em segundo lugar, pelo crescimento significativamente superior das propensões a importar, comparativamente com o crescimento das propensões a

²Considerando que o trabalho citado não disponibiliza um coeficiente para o total da indústria, calculou-se uma média simples dos coeficientes parciais de cada complexo.

exportar (tabela 2). Estas propensões foram maiores nas firmas de maior porte do que naquelas de menor porte (respectivamente 7,5% contra 3% na propensão a exportar, e 8,6% contra 3,7% na propensão a importar). De qualquer modo, as propensões a importar alcançaram, ao final do período, patamares próximos à propensão a exportar, situando-se, nas propensões médias, respectivamente em 6% e 7% para o conjunto da indústria em 2000.

TABELA 2 - PROPENSÕES A EXPORTAR E IMPORTAR DA INDÚSTRIA DO PARANÁ - 1990-2000

PROPENSÕES SEGUNDO GRUPOS	MÉDIA					GERAL					RELEVANTE				
	1990	1995	1998	1999	2000	1990	1995	1998	1999	2000	1990	1995	1998	1999	2000
A exportar															
Média Grupo Tecnológico	2,8	3,1	3,8	5,3	4,7	0,8	1,0	1,2	2,3	2,4	4,2	4,6	5,1	7,1	5,8
Média Grupo Fornecedor	4,9	8,5	8,0	9,2	7,8	2,7	4,9	4,5	4,8	4,2	6,4	12,2	10,3	10,5	8,7
Média Grupo Tradicional	4,2	4,3	4,2	4,9	5,3	0,7	1,5	1,6	2,6	2,4	5,5	5,9	6,0	6,9	7,5
Média Geral	4,1	5,4	5,4	6,4	6,0	1,4	2,5	2,5	3,3	3,0	5,5	7,7	7,2	8,1	7,5
A importar															
Média Grupo Tecnológico	5,5	9,7	14,8	17,1	16,1	2,0	3,6	6,0	8,7	7,5	7,6	14,2	19,5	22,5	19,3
Média Grupo Fornecedor	1,9	6,1	4,8	3,2	3,8	0,8	2,2	1,6	1,4	1,6	2,5	9,9	6,5	3,9	4,5
Média Grupo Tradicional	1,4	3,3	3,5	3,1	4,1	0,4	1,7	1,6	1,3	1,8	2,3	4,0	4,7	4,3	5,4
Média Geral	2,6	5,8	6,8	6,6	7,0	0,9	2,4	2,7	3,2	3,1	3,7	8,5	9,0	8,7	8,6

FONTE:IPARDES

Finalmente, concorrem entre os fatores de divergência na trajetória dos coeficientes o reflexo da permanência de peculiaridades da base industrial do Estado e os impactos diferenciados da abertura comercial sobre a capacidade exportadora e do perfil importador de insumos desta base.

Do lado das exportações, houve manutenção de algumas características ao lado de progressivas mudanças estruturais da pauta, dadas pela permanência de coeficientes superiores das indústrias fornecedoras (16,3%) e pelo crescimento do *drive* exportador das indústrias tecnológicas (11,6%) em 2000 (tabela 3), revelando-se a competitividade ainda relativamente maior da indústria fornecedora perante as demais, no mercado internacional. O menor coeficiente ocorreu nas indústrias tradicionais (6,1%).

TABELA 3 - COEFICIENTES DE EXPORTAÇÃO (CE) DA INDÚSTRIA DO PARANÁ - 1990-2000

GRUPO INDUSTRIAL	CE (%)				
	1990	1995	1998	1999	2000
Eletroeletrônica e telecomunicações					
Equip. eletroeletrônicos e de telecomunicações	2,29	0,41	6,79	5,22	1,65
Equip. de geração, transm. e distribuição de eletricidade	1,76	4,59	2,73	9,39	8,28
Instrum. médicos, óticos e aparelhos de medição e controle	1,25	1,52	2,64	3,06	2,12
Aparelhos e equipamentos domésticos	-	2,84	2,70	4,98	5,13
Partes e peças do material elétrico e de comunicações	-	1,98	0,00	0,03	0,44
Total	1,84	1,70	4,44	5,51	3,57
Máquinas e equipamentos					
Tratores, máquinas e aparelhos de terraplanagem	13,64	8,43	14,33	14,43	8,27
Máquinas ferramentas e máq. operatrizes e caldeiras	1,83	7,48	3,11	6,75	5,60
Outros produtos da mecânica	15,80	2,64	3,19	3,81	2,01
Total	5,01	6,71	8,34	9,86	6,20
Automotiva					
Automóveis e caminhões	14,16	6,26	0,48	19,71	20,90
Partes e acessórios da automobilística	5,57	28,45	30,97	30,85	18,51
Outras partes e peças da automobilística	0,14	0,94	4,74	6,12	3,44
Total	9,53	13,17	9,11	21,60	19,52
Produtos químicos					
Pigmentos, tintas, vernizes e lacas	0,60	1,38	0,71	2,34	5,96
Fertilizantes e Inseticidas	0,26	1,28	1,61	1,95	2,99
Fibras e borrachas artificiais e sintéticas	-	3,63	2,64	0,28	0,29
Medicamentos, perfumaria e cosméticos	10,35	1,75	4,64	2,99	4,36
Total	1,60	1,60	2,15	2,16	3,37
Total Grupo Tecnológico	5,13	5,91	6,11	12,55	11,63
Extrativa e minerais não-metálicos					
Extrativa-mineral	3,47	1,45	4,56	8,04	10,25
Cimento e clínquer	-	-	-	-	0,03
Fabricação de azulejos e material sanitário de cerâmica	16,33	60,94	24,89	21,87	15,57
Outros minerais não-metálicos	0,68	0,71	0,87	0,74	0,66
Total	3,42	11,64	5,00	4,24	3,86
Siderurgia e metalurgia					
Siderurgia	0,09	2,20	1,02	4,72	5,99
Estruturas metálicas e artefatos de serralheria	0,37	1,47	3,24	3,52	4,05
Outros produtos da metalurgia	0,49	1,25	1,38	2,44	3,31
Total	0,33	1,57	1,79	3,19	4,10
Petroquímica					
Produtos químicos primários e intermediários	1,32	5,05	3,40	4,00	0,91
Destilação de álcool	-	1,71	6,05	6,84	7,40
Refino de petróleo e produtos do xisto e do carvão	7,32	3,31	1,18	0,39	4,14
Produtos químicos de higiene e limpeza	2,20	1,11	1,29	1,32	1,03
Total	6,49	3,11	2,23	4,78	3,61
Madeira					
Chapas e placas de madeira	13,75	19,15	19,14	39,49	29,42
Desdobramento da madeira	7,71	17,29	22,51	30,62	36,20
Estruturas de madeira	2,29	15,45	25,02	38,55	18,20
Total	8,89	18,01	21,06	35,08	31,47
Papel e gráfica					
Fabricação de papel e papelão	9,00	17,44	7,64	9,04	6,27
Editorial e gráfica	0,00	2,03	1,74	3,89	4,12
Total	7,27	14,74	6,30	8,04	5,89
Agroindústria					
Fiação e tecelagem	18,11	9,54	14,31	11,65	9,79
Óleos e gorduras vegetais	39,11	35,80	24,70	34,25	31,61
Rações e alimentos preparados para animais	-	8,51	2,60	4,57	0,89
Fumo	11,75	42,05	51,45	0,75	2,26
Total	27,53	31,31	24,76	29,42	24,05
Total Grupo Fornecedor	11,83	16,57	12,04	20,72	16,29
Alimentos					
Beneficiamento de café, mate, grãos e fibras	2,94	10,73	3,36	4,12	13,69
Moagem de trigo	-	0,00	0,19	0,01	0,33
Panificação e pastificação	0,09	0,04	0,50	0,22	0,22
Café	59,56	44,41	45,04	35,26	48,40
Milho, mandioca e seus derivados e farinhas diversas	22,89	10,16	5,17	2,86	2,23
Sucos e conservas de frutas e legumes	-	7,88	8,42	24,62	24,57
Refeições e alimentos conservados	-	0,22	-	0,10	-
Abate de bovinos e preparação de carnes e subprodutos	0,76	0,03	1,70	5,26	4,14
Abate de suínos e preparação de carnes e subprodutos	-	0,35	4,15	7,42	12,52
Abate de aves e preparação de carnes e subprodutos	19,68	21,74	2,38	5,11	5,33
Abate de reses e aves e preparação de carnes e subprodutos	9,45	3,27	3,38	8,74	6,32
Abate de outros animais e preparação de carnes e subprodutos	-	8,92	19,73	19,85	15,09
Leite e derivados	-	0,00	0,94	1,12	0,39
Açúcar e adoçantes naturais	-	9,06	17,68	16,05	18,65
Fabricação de balas, chocolates e sorvetes	-	1,21	2,05	0,06	0,06
Total	10,02	8,17	4,22	5,44	8,16
Couros e Peles					
Couros e peles	27,03	24,40	22,86	25,91	19,76
Total	27,03	24,40	22,86	25,91	19,76
Malharia e confecções					
Malharia e outros produtos têxteis	-	1,71	2,15	0,92	1,06
Confecções	0,40	0,61	0,60	0,90	1,31
Total	0,26	0,82	0,83	0,90	1,27
Bebidas					
Cervejas, chopp e malte	0,02	0,08	0,29	0,69	0,52
Refrigerantes	-	0,01	0,06	0,06	0,08
Refrescos naturais, mate solúvel e outras bebidas	0,03	0,72	0,64	1,11	1,42
Total	0,01	0,10	0,21	0,33	0,42
Mobiliário					
Artefatos de madeira, bambu, vime e cortiça	0,70	2,78	3,54	3,64	2,38
Mobiliário	0,38	3,41	2,31	4,40	5,21
Total	0,41	3,09	2,92	4,02	3,80
Artefatos de papel e papelão					
Fabricação de artefatos de papel e papelão	1,04	1,28	2,53	2,09	3,47
Total	1,04	1,28	2,53	2,09	3,47
Artigos de matérias plásticas					
Artigos de matérias plásticas	2,63	3,09	7,74	13,43	3,65
Total	2,63	3,09	7,74	13,43	3,65
Total Grupo Tradicional	8,31	6,26	4,17	5,92	6,11
Média da Indústria	5,82	7,94	7,59	8,71	7,88
Total da Indústria	9,14	10,61	8,00	13,42	11,47

FONTE: IPARDES

Em alguma medida, o coeficiente dos ramos fornecedores reflete o peso de 48,1% (conforme IPARDES, 2002b) na estrutura industrial do Estado e as vantagens locais na base de sua cadeia produtiva – disponibilidade de recursos naturais –, além de mão-de-obra de baixo custo. Ao mesmo tempo, a mudança de 5,1% para 11,6% do coeficiente de exportação da indústria tecnológica vincula-se ao processo recente de reestruturação industrial no Estado, em que esta indústria, dinamizada pela expansão do segmento automobilístico, amplia sua participação para 30% na geração de valor do conjunto da indústria. Inclusive, tal mudança foi suficiente para alterar a composição das exportações da indústria paranaense em direção a essas indústrias tecnológicas, as quais, conforme mostra a tabela A.1, do Apêndice, passam a responder por 29% da pauta global no ano de 2000³.

No Grupo Fornecedor reforçou-se, ao final da década, a atuação externa das indústrias da madeira (de 8,9% para 31,5%), e enfraqueceu-se a atuação das agroindústrias (do pico de 31,3%, em 1995, para 24,3% em 2000), com o declínio do segmento de fumo, cuja principal unidade (Phillip Morris) foi transferida para o Rio Grande do Sul. Entretanto, manteve-se nas indústrias de óleos e gorduras vegetais a característica exportadora (31,6% em 2000), apesar de as oscilações conjunturais, as modificações no panorama do mercado internacional de óleo, a reconfiguração do complexo soja no País e os efeitos da Lei Kandir terem desfavorecido sua produção e desempenho externo ao longo da segunda metade da década. Já os complexos petroquímico e siderúrgico, com coeficientes que não ultrapassaram 6,5% e 4,1% em todo o período, permaneceram orientados ao mercado interno, atendendo ao mercado de combustíveis e à construção civil, respectivamente.

³Na realidade, a tabela A.1 revela, principalmente a partir de 1998, a perda significativa de espaço do grupo fornecedor para os outros grupos na pauta. Não obstante, o seu declínio vincula-se quase que exclusivamente à redução do esforço exportador no ramo de refino de petróleo, cuja participação decresce de 24,1% em 1990 para 0,8% em 2000.

O Grupo Tradicional manteve-se exportador na indústria alimentar e na de couros e peles, cujos coeficientes se reduzem de 10,7% para 8,2% e de 27% para 19,8% em 1990 e 2000 respectivamente. Na indústria de alimentos, o esforço exportador foi mantido nas indústrias de café e de carnes, e reforçado por novas inserções de outras indústrias, comentadas adiante. No caso de carnes, os coeficientes foram inferiores a 20%, mostrando amplo direcionamento da produção ao mercado interno, apesar da expansão dos volumes exportados.⁴ Em termos de produtos, foram crescentes em abate de outros animais e declinantes em abate de aves, registrando 15,1% e 12,5%, respectivamente, em 2000.

É preciso alertar para a possibilidade de distorções de classificação da atividade no cadastro industrial da SEFA-PR, uma vez que a diversificação produtiva de uma planta industrial possibilita que frigoríficos que abatem predominantemente aves sejam classificados em abate de outros animais ou até mesmo em abate de suínos. Por essa razão, é mais seguro fazer uma leitura do conjunto das categorias de abate, pela qual o coeficiente médio de exportação de carnes aumenta em mais de 50%, saindo de 6% em 1990 para 9,3% em 1999 (ano de pico dos coeficientes dessa indústria), e que indica, não obstante a preferência pelo mercado interno, um significativo aumento da inserção externa de todo o segmento.

Já os segmentos tradicionais que se inseriram no mercado externo o fizeram de modo incipiente, a exemplo dos segmentos de malharia, leite e derivados, e de balas, chocolates e sorvetes. Ressalte-se a substancial elevação do esforço exportador da indústria mobiliária do Estado, em torno de 600% na década. Apesar disso e de sua importância enquanto pólo no País, seu coeficiente de 3,8% em 2000 revela pouca orientação ao mercado externo, diferentemente de outros pólos, como

⁴Esse foi o caso típico da carne de frango, cujas exportações pelo Estado cresceram expressivamente ao longo da década passada. Particularmente entre 1996 e 2000 o volume exportado amplia-se em 66,7%, saltando de 150 mil para 250 mil toneladas (IPARDES, 2002a, p.147).

os de Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Por outro lado, observaram-se inserções mais consistentes nos ramos de sucos e conservas e nos de açúcar e adoçantes naturais, cujos coeficientes alcançaram 24,6% e 18,6%, respectivamente, em 2000.

No Grupo Tecnológico, destaca-se, conforme se esperava, o coeficiente de exportação da indústria automobilística, crescente e muito superior aos demais, encerrando o ano de 2000 em 19,5%. Nota-se não somente a mudança no grau de orientação externa do segmento de automóveis e caminhões, como também em partes e peças, mesmo antes da entrada em operação das montadoras (28,4% em 1995). O restante das indústrias do Grupo não consolidou uma inserção externa, a não ser por exceções pontuais, como a de equipamentos para geração de energia elétrica, cujo avanço de 1,8% em 1990 para 8,3% em 2000 deve estar associado à expansão de conglomerados nacionais do setor elétrico no mercado externo, em função da retração dos investimentos do setor no País.

Examinando as cadeias e fluxos de fornecimento da indústria paranaense, observam-se, entre 1990 e 2000, substanciais aumentos de 4,3% para 15,2% do coeficiente de importação (tabela 4) e de 2,3% para 11,3% do coeficiente de penetração (tabela 5), em resposta ao processo de abertura comercial. Esses crescimentos significativos associam-se, em primeiro lugar, ao aumento da participação dos insumos tecnológicos na pauta, que já era elevada, de 54,2% para 69,1% em 2000 (tabela A.2 do Apêndice). Os segmentos que determinaram tais participações foram os da indústria automobilística, que, juntos aos da indústria eletroeletrônica, respondem por cerca da metade da pauta global de importações de insumos em 2000. Em segundo lugar, tais crescimentos vinculam-se ao aumento intenso dos coeficientes em si nessas indústrias tecnológicas, tendo sido, por outro lado – excetuando-se casos isolados e comportamentos atípicos –, irrelevantes nas indústrias fornecedoras e tradicionais.

TABELA 4 - COEFICIENTES DE IMPORTAÇÃO DA INDÚSTRIA DO PARANÁ - 1985-2000

GRUPO INDUSTRIAL	CI (%)				
	1990	1995	1998	1999	2000
Eletroeletrônica e telecomunicações					
Equip. eletroeletrônicos e de telecomunicações	29,01	36,14	19,24	28,78	34,48
Equip. de geração, transm. e distribuição de eletricidade	3,83	8,00	19,85	20,58	20,23
Instrum. médicos, óticos e aparelhos de medição e controle	20,15	25,16	14,07	19,88	13,87
Aparelhos e equipamentos domésticos	0,01	6,42	9,86	5,77	7,32
Partes e peças do material elétrico e de comunicações	-	5,48	71,19	57,09	32,43
Total	20,72	22,93	18,97	24,02	24,70
Máquinas e equipamentos					
Tratores, máquinas e aparelhos de terraplanagem	0,85	33,43	24,31	30,30	26,29
Máquinas ferramentas e máq. operatrizes e caldeiras	1,69	7,76	24,28	20,03	11,10
Outros produtos da mecânica	9,66	6,90	5,78	1,42	21,19
Total	2,19	19,30	20,35	22,85	20,18
Automotiva					
Automóveis e caminhões	10,12	19,22	4,58	43,32	35,45
Partes e acessórios da automobilística	10,67	28,48	35,86	40,73	35,27
Outras partes e peças da automobilística	0,13	0,34	4,46	23,97	14,55
Total	9,70	20,19	11,94	42,40	34,43
Produtos químicos					
Pigmentos, tintas, vernizes e lacas	1,82	5,05	3,68	7,21	10,10
Fertilizantes e Inseticidas	17,13	23,73	30,05	29,26	34,77
Fibras e borrachas artificiais e sintéticas	-	9,23	14,71	2,03	2,05
Medicamentos, perfumaria e cosméticos	8,84	18,88	16,77	13,67	4,81
Total	14,04	20,59	25,75	24,33	30,66
Total Grupo Tecnológico	11,10	20,95	18,30	32,71	30,07
Extrativa e minerais não-metálicos					
Extrativa-mineral	0,03	0,46	0,69	0,24	2,69
Cimento e clínquer	-	-	2,21	5,32	12,37
Fabricação de azulejos e material sanitário de cerâmica	0,30	64,92	26,69	1,79	1,33
Outros minerais não-metálicos	2,62	8,98	12,64	7,16	5,18
Total	1,39	21,32	12,28	5,29	5,96
Siderurgia e metalurgia					
Siderurgia	2,81	1,42	1,12	1,69	1,17
Estruturas metálicas e artefatos de serralheria	-	1,09	1,76	1,31	0,21
Outros produtos da metalurgia	3,76	2,29	2,90	3,53	1,19
Total	2,74	1,74	2,16	2,62	1,08
Petroquímica					
Produtos químicos primários e intermediários	5,50	13,31	11,70	11,31	8,20
Destilação de álcool	-	-	-	-	-
Refino de petróleo e produtos do xisto e do carvão	0,85	42,61	24,91	0,13	6,02
Produtos químicos de higiene e limpeza	2,60	0,62	0,49	0,72	0,92
Total	0,98	31,88	17,08	2,90	4,35
Madeira					
Chapas e placas de madeira	0,37	4,41	7,81	6,64	6,77
Desdobramento da madeira	4,61	2,49	6,87	5,32	2,14
Estruturas de madeira	3,37	0,31	0,85	0,96	1,29
Total	3,23	3,25	6,99	5,72	4,81
Papel e gráfica					
Fabricação de papel e papelão	15,72	16,53	10,97	17,06	14,30
Editorial e gráfica	2,87	4,21	9,15	6,93	10,31
Total	13,65	14,18	10,54	14,93	13,53
Agroindústria					
Fiação e tecelagem	9,00	5,38	7,13	7,28	6,96
Óleos e gorduras vegetais	0,12	1,12	3,38	9,60	5,29
Rações e alimentos preparados para animais	0,02	1,27	3,31	2,80	1,47
Fumo	2,35	30,66	3,19	2,56	1,21
Total	1,47	3,75	3,65	8,73	4,75
Total Grupo Fornecedor	2,49	12,18	8,16	7,97	5,51
Alimentos					
Beneficiamento de café, mate, grãos e fibras	0,64	7,53	3,16	3,06	6,58
Moagem de trigo	-	13,93	15,62	25,99	20,88
Panificação e pastificação	1,60	1,23	1,57	0,62	0,27
Café	0,35	0,88	1,05	0,46	0,44
Milho, mandioca e seus derivados e farinhas diversas	0,77	1,20	1,53	6,01	4,13
Sucos e conservas de frutas e legumes	25,23	31,80	31,40	15,03	18,60
Refeições e alimentos conservados	-	0,35	4,21	0,00	-
Abate de bovinos e preparação de carnes e subprodutos	6,31	0,06	1,40	0,43	1,01
Abate de suínos e preparação de carnes e subprodutos	6,78	0,93	0,26	0,64	2,28
Abate de aves e preparação de carnes e subprodutos	10,62	0,93	0,48	0,55	0,50
Abate de reses e aves e preparação de carnes e subprodutos	0,91	1,44	-	0,07	0,28
Abate de outros animais e preparação de carnes e subprodutos	-	1,11	0,40	0,35	0,03
Leite e derivados	0,62	0,92	0,49	0,30	0,08
Açúcar e adoçantes naturais	-	2,55	2,22	0,94	11,10
Fabricação de balas, chocolates e sorvetes	-	0,28	0,15	0,07	2,67
Total	2,42	3,95	2,86	3,72	3,57
Couros e Peles					
Couros e peles	0,79	2,22	1,08	1,12	0,97
Total	0,79	2,22	1,08	1,12	0,97
Malharia e confecções					
Malharia e outros produtos têxteis	0,13	4,25	3,52	1,45	3,82
Confecções	0,35	2,25	0,53	1,54	1,14
Total	0,28	2,60	0,95	1,53	1,59
Bebidas					
Cervejas, chope e malte	0,08	9,35	22,14	18,44	20,17
Refrigerantes	-	1,22	0,02	0,14	0,01
Refrescos naturais, mate solúvel e outras bebidas	-	1,15	2,82	0,34	0,10
Total	0,02	3,13	7,45	4,87	7,21
Mobiliário					
Artefatos de madeira, bambu, vime e cortiça	4,76	0,88	2,54	4,88	4,84
Mobiliário	0,30	1,76	2,48	4,48	6,98
Total	0,68	1,64	2,49	4,52	6,79
Artefatos de papel e papelão					
Fabricação de artefatos de papel e papelão	1,23	1,24	3,49	9,32	14,55
Total	1,23	1,24	3,49	9,32	14,55
Artigos de matérias plásticas					
Artigos de matérias plásticas	2,51	7,93	8,24	7,91	9,58
Total	2,51	7,93	8,24	7,91	9,58
Total Grupo Tradicional	1,91	3,59	3,27	4,27	5,11
Média da Indústria	3,91	8,90	9,12	9,01	8,73
Total da Indústria	4,28	11,79	9,80	15,85	15,20

FONTE: IPARDES

TABELA 5 - COEFICIENTES DE PENETRAÇÃO DA INDÚSTRIA DO PARANÁ - 1985-2000

GRUPO INDUSTRIAL	CP (%)				
	1990	1995	1998	1999	2000
Eletroeletrônica e telecomunicações					
Equip. eletroeletrônicos e de telecomunicações	15,33	19,92	16,40	23,84	29,01
Equip. de geração, transm. e distribuição de eletricidade	1,59	4,94	12,60	13,39	14,33
Instrum. médicos, óticos e aparelhos de medição e controle	5,48	12,02	9,22	11,37	7,59
Aparelhos e equipamentos domésticos	0,00	3,74	6,11	3,87	5,31
Partes e peças do material elétrico e de comunicações	-	3,25	38,44	36,50	22,37
Total	9,41	12,94	13,82	17,17	18,06
Máquinas e equipamentos					
Tratores, máquinas e aparelhos de terraplanagem	0,49	26,84	17,76	22,92	21,88
Máquinas ferramentas e máq. operatrizes e caldeiras	0,82	4,89	16,24	11,23	6,65
Outros produtos da mecânica	4,58	4,58	3,77	0,92	16,03
Total	1,09	13,66	14,12	15,15	14,59
Automotiva					
Automóveis e caminhões	6,48	11,25	3,52	37,86	28,33
Partes e acessórios da automobilística	4,05	15,79	22,32	25,99	25,67
Outras partes e peças da automobilística	0,08	0,25	3,48	18,63	11,09
Total	5,05	11,84	8,70	34,91	26,90
Produtos químicos					
Pigmentos, tintas, vernizes e lacas	1,01	3,29	2,56	5,88	6,81
Fertilizantes e Inseticidas	11,71	17,08	26,08	22,45	27,88
Fibras e borrachas artificiais e sintéticas	-	5,93	10,26	1,41	1,38
Medicamentos, perfumaria e cosméticos	3,79	11,16	10,43	8,81	2,61
Total	8,82	14,11	20,65	18,10	23,61
Total Grupo Tecnológico	5,73	12,97	13,50	24,90	22,88
Extrativa e minerais não-metálicos					
Extrativa-mineral	0,01	0,16	0,27	0,08	0,88
Cimento e clínquer	-	-	0,77	1,58	3,15
Fabricação de azulejos e material sanitário de cerâmica	0,09	49,52	15,79	0,89	0,74
Outros minerais não-metálicos	1,13	5,32	7,88	4,36	3,23
Total	0,53	11,60	6,33	2,37	2,55
Siderurgia e metalurgia					
Siderurgia	1,78	0,94	0,78	1,22	0,85
Estruturas metálicas e artefatos de serralheria	-	0,77	1,16	0,91	0,16
Outros produtos da metalurgia	2,17	1,60	2,11	2,47	0,87
Total	1,62	1,20	1,52	1,84	0,79
Petroquímica					
Produtos químicos primários e intermediários	2,29	7,27	5,35	6,42	5,05
Destilação de álcool	-	-	-	-	-
Refino de petróleo e produtos do xisto e do carvão	0,41	23,46	11,12	0,07	3,63
Produtos químicos de higiene e limpeza	1,41	0,43	0,37	0,55	0,70
Total	0,48	18,11	8,48	1,76	2,72
Madeira					
Chapas e placas de madeira	0,19	2,75	5,07	3,90	3,99
Desdobramento da madeira	1,95	1,41	4,12	2,78	1,25
Estruturas de madeira	1,60	0,20	0,56	0,58	0,89
Total	1,45	1,93	4,38	3,18	2,84
Papel e gráfica					
Fabricação de papel e papelão	7,42	7,62	5,84	8,82	7,59
Editorial e gráfica	1,09	2,15	5,16	3,96	6,20
Total	6,20	6,66	5,69	7,88	7,35
Agroindústria					
Fiação e tecelagem	4,68	3,94	5,52	4,81	4,65
Óleos e gorduras vegetais	0,08	0,98	3,10	8,57	4,94
Rações e alimentos preparados para animais	0,02	1,09	2,58	2,31	1,26
Fumo	0,79	19,28	1,44	2,28	1,03
Total	0,84	3,12	3,06	7,61	4,25
Total Grupo Fornecedor	1,25	7,98	5,25	5,66	3,91
Alimentos					
Beneficiamento de café, mate, grãos e fibras	0,44	6,38	2,69	2,41	5,14
Moagem de trigo	-	9,49	11,90	19,37	16,80
Panificação e pastifício	1,21	0,93	1,14	0,46	0,20
Café	0,28	0,80	0,89	0,38	0,38
Milho, mandioca e seus derivados e farinhas diversas	0,64	0,84	1,12	4,56	2,94
Sucos e conservas de frutas e legumes	16,04	24,68	23,61	9,66	13,78
Refeições e alimentos conservados	-	0,30	3,25	0,00	-
Abate de bovinos e preparação de carnes e subprodutos	5,16	0,06	1,19	0,37	0,86
Abate de suínos e preparação de carnes e subprodutos	4,98	0,75	0,22	0,54	1,90
Abate de aves e preparação de carnes e subprodutos	7,75	0,62	0,41	0,45	0,41
Abate de reses e aves e preparação de carnes e subprodutos	0,58	0,92	-	0,05	0,22
Abate de outros animais e preparação de carnes e subprodutos	-	0,89	0,29	0,26	0,02
Leite e derivados	0,45	0,75	0,40	0,25	0,07
Açúcar e adoçantes naturais	-	2,17	1,97	0,58	7,73
Fabricação de balas, chocolates e sorvetes	-	0,15	0,09	0,05	1,87
Total	1,70	3,05	2,31	2,96	2,88
Couros e Peles					
Couros e peles	0,53	1,62	0,85	0,87	0,82
Total	0,53	1,62	0,85	0,87	0,82
Malharia e confecções					
Malharia e outros produtos têxteis	0,07	3,13	2,67	1,04	3,26
Confecções	0,22	1,76	0,43	1,25	0,91
Total	0,17	2,01	0,76	1,23	1,29
Bebidas					
Cervejas, chope e malte	0,01	2,67	11,66	9,26	8,57
Refrigerantes	-	0,91	0,01	0,10	0,01
Refrescos naturais, mate solúvel e outras bebidas	-	0,73	1,58	0,23	0,06
Total	0,01	1,67	4,86	3,22	4,28
Mobiliário					
Artefatos de madeira, bambu, vime e cortiça	2,15	0,54	1,44	2,76	2,75
Mobiliário	0,16	1,13	1,73	3,24	5,02
Total	0,36	1,04	1,69	3,19	4,77
Artefatos de papel e papelão					
Fabricação de artefatos de papel e papelão	0,74	0,81	2,53	5,13	7,48
Total	0,74	0,81	2,53	5,13	7,48
Artigos de matérias plásticas					
Artigos de matérias plásticas	0,98	4,70	5,49	5,85	6,99
Total	0,98	4,70	5,49	5,85	6,99
Total Grupo Tradicional	1,21	2,57	2,51	3,23	3,83
Média da Indústria	2,08	5,69	5,93	6,18	6,10
Total da Indústria	2,33	7,81	6,94	11,76	11,28

FONTE: IPARDES

Essas trajetórias, consoantes à realidade industrial brasileira, traduzem a maior competitividade das cadeias de fornecimento dos segmentos fornecedores e tradicionais (nos quais os crescimentos observados indicam importações em caráter complementar) e a menor competitividade nos segmentos tecnológicos, não somente no Paraná mas no Brasil, já que as indústrias compradoras do Estado também se abastecem em outras regiões do País.

Os coeficientes de importação e de penetração do Grupo Fornecedor registraram, respectivamente, 4,4% e 3,9% em 2000. O notável crescimento de 389% do seu coeficiente de importação (2,5% para 12,2%) entre 1990 e 1995 foi fortemente influenciado por elevações atípicas nas indústrias de azulejos e material cerâmico, refino de petróleo (possivelmente motivado pelos baixos preços do insumo no mercado internacional e pela forte sobrevalorização do real), rações e fumo, cujos coeficientes nos anos seguintes retornam praticamente aos níveis anteriores.

Diversamente, no Grupo Tradicional, coeficientes altos e crescentes revelam tendências mais consistentes de suprimento internacional em indústrias alimentares e de bebidas. Ressaltam-se, em 2000, os coeficientes de importação de 20,9% em moagem de trigo (devido ao declínio da cultura do produto no Estado e no País, impondo importações expressivas), de 18,6% em sucos e conservas de frutas (dado o desenvolvimento incipiente da fruticultura no Estado), e de 20,2% em cerveja, chope e malte. Aumentou também a busca por insumos importados em indústrias menos associadas à disponibilidade de recursos naturais e com exigências diferenciadas de sofisticação técnica, como a de artigos de matéria plástica e do mobiliário.

A procura por insumos tecnologicamente superiores e de maior qualidade no mercado internacional foi mais intensa e generalizada no Grupo Tecnológico, cujo coeficiente de importação salta de 11,1% para 30,1% entre 1990 e 2000. Confirmam-se aí os indícios, destacados em IPARDES (2002b), de desarticulação interna não somente das cadeias de fornecimento da indústria automobilística e de material elétrico e de telecomunicações, mas também das próprias indústrias fornecedoras de insumos (partes e peças do material elétrico e de comunicações, e

partes e acessórios da automobilística e outras partes e peças da automobilística). No conjunto essas indústrias apresentaram, em 2000, os maiores coeficientes de importação entre as demais do Estado: 24,7% para a indústria eletroeletrônica e de telecomunicações e 34,4% para a automobilística.

Ao lado delas, houve, entre 1990 e 2000, considerável aumento em produtos químicos (de 14,9% para 30,7%), determinado pelo aumento de 17,1% para 34,8% em fertilizantes e inseticidas e de 1,8% para 10,1% em pigmentos e tintas e vernizes. No segmento de medicamentos, perfumaria e cosméticos e no de fibras e borrachas a evolução dos coeficientes foi irregular, não indicando fluxos de fornecimento mais fortes com o mercado internacional.

3 REORGANIZAÇÃO INDUSTRIAL, COMPETITIVIDADE E COMÉRCIO EXTERIOR

Diante das tendências comentadas até aqui sobre o processo de industrialização recente no Estado, pode-se concluir que houve impactos tímidos sobre a capacidade exportadora, e impactos mais significativos sobre as importações de insumos. Por outro lado, houve uma alteração qualitativa dos fluxos de comércio, com diversificação e, principalmente, ampliação da participação dos segmentos tecnológicos na pauta de importação de insumos. Contudo, é interessante reconsiderar tais impactos do ponto de vista da reorganização produtiva e da competitividade que acompanhou esse processo durante a última metade da década.

Retomando algumas conclusões, mostrou-se, em IPARDES (2002b), para o período 1995-2000, uma recuperação do crescimento da base industrial, dada pelo avanço superior e pelo aumento da presença dos segmentos tecnológicos e pelo avanço mais restrito das indústrias fornecedoras e tradicionais, marcado pelo enxugamento de plantas em diversos segmentos. Indicou, ainda, a tendência à especialização do grupo tecnológico na indústria automobilística, o declínio da especialização agroindustrial no grupo fornecedor, e o movimento de diversificação mais significativo no grupo tradicional, em razão da queda em alimentos e do crescimento de segmentos como de artefatos de papel, de artigos de matéria plástica e mobiliário.

Além disso, ao avaliar a competitividade, registrou-se significativo crescimento da produtividade média em gama relevante dos ramos industriais paranaenses (171% na média geral, entre 1995 e 2000). E, ao propor uma análise de reorganização industrial, identificou movimentos de reorganização diferenciados que implicaram maior expansão da competitividade nos ramos de maior conteúdo tecnológico, escala e capital (tecnológicos e fornecedores), e em menor ampliação (ou até declínio) especialmente nos setores tradicionais e em alguns fornecedores.

Nas tabelas 6 e 7, a seguir, reproduziram-se os quatro movimentos de reorganização, combinando os coeficientes de comércio com os indicadores de Malha Produtiva (MP) – que reflete o volume de estabelecimentos industriais por

segmento – e de Produtividade Média (PM), índice relativo à média da produtividade do trabalho dos estabelecimentos industriais segundo portes grande, médio e pequeno por ramo de atividade.⁵ O critério inicial para a identificação desses movimentos foi o de produtividade média, pelo qual se definiram os segmentos mais e menos dinâmicos de acordo com taxas de crescimento entre 1995 e 2000 acima e abaixo da mediana de todas as taxas (71,8%) desta produtividade. Na seqüência tomou-se o comportamento do MP para associar os movimentos de expansão ou retração do tecido produtivo.

TABELA 6 - COEFICIENTES DE COMÉRCIO DA INDÚSTRIA DO PARANÁ SEGUNDO A REORGANIZAÇÃO DE MAIOR DINAMISMO COMPETITIVO CONSIDERANDO INDICADORES DE MALHA PRODUTIVA E PRODUTIVIDADE MÉDIA - 1995-2000

GRUPO INDUSTRIAL (SEGUNDO A REORGANIZAÇÃO)	CRESCIMENTO (%)		CE		CI		CP	
	MP	PM	1995	2000	1995	2000	1995	2000
	1995-2000							
Maior dinamismo (com aumento de MP)								
Partes e Peças do Material Elétrico e de Comunicações	625,0	1129,4	1,98	0,44	5,48	32,43	3,25	22,37
Fertilizantes e Inseticidas	17,2	532,2	1,28	2,99	23,73	34,77	17,08	27,88
Refino de petróleo e Fabricação de Produtos do Xisto e do Carvão	25,0	531,9	3,31	4,14	42,61	6,02	23,46	3,63
Fumo	33,3	311,5	42,05	2,26	30,66	1,21	19,28	1,03
Abate de Outros Animais e Preparação de Carnes e Subprodutos	7,4	233,8	8,92	15,09	1,11	0,03	0,89	0,02
Chapas e Placas de Madeira	39,7	211,4	19,15	29,42	4,41	6,77	2,75	3,99
Máq. ferramentas e operatrizes, caldeiras, inclusive peças e acessórios	27,9	188,8	7,48	5,60	7,76	11,10	4,89	6,65
Pigmentos, tintas, vernizes e lacas	112,9	179,1	1,38	5,96	5,05	10,10	3,29	6,81
Equipamentos de geração, transmissão e distribuição de eletricidade	16,7	148,8	4,59	8,28	8,00	20,23	4,94	14,33
Fiação e Tecelagem	8,3	126,0	9,54	9,79	5,38	6,96	3,94	4,65
Fabricação de Papel e Papelão	16,7	124,0	17,44	6,27	16,53	14,30	7,62	7,59
Partes e acessórios da automobilística	96,6	109,6	28,45	18,51	28,48	35,27	15,79	25,67
Outras Partes e Peças da Automobilística	12,9	90,9	0,94	3,44	0,34	14,55	0,25	11,09
Artigos de Matérias Plásticas	38,6	90,0	3,09	3,65	7,93	9,58	4,70	6,99
Mobiliário	15,7	84,6	3,41	5,21	1,76	6,98	1,13	5,02
Produtos Químicos de Higiene e Limpeza	20,8	82,5	1,11	1,03	0,62	0,92	0,43	0,70
Siderurgia	55,8	81,4	2,20	5,99	1,42	1,17	0,94	0,85
Fabricação de Azulejos e Material Sanitário de Cerâmica	180,0	78,5	60,94	15,57	64,92	1,33	49,52	0,74
Medicamentos, Perfumaria e Cosméticos	20,9	71,8	1,75	4,36	18,88	4,81	11,16	2,61
Aparelhos e equipamentos domésticos	17,4	71,8	2,84	5,13	6,42	7,32	3,74	5,31
Coeficientes totais			10,33	8,44	19,86	18,06	11,89	12,42
Maior dinamismo (com redução de MP)								
Fabricação de Artefatos de Papel e Papelão	-4,5	3102,4	1,28	3,47	1,24	14,55	0,81	7,48
Destilação de Alcool	-19,0	366,9	1,71	7,40	-	-	-	-
Fabricação de Produtos Químicos Primários e Intermediários	-37,5	279,7	5,05	0,91	13,31	8,20	7,27	5,05
Cimento e Clinquer	-60,0	242,0	-	0,03	-	12,37	-	3,15
Artefatos de Madeira, Bambu, Vime e Cortiça	-10,2	165,5	2,78	2,38	0,88	4,84	0,54	2,75
Tratores, Máq. e Aparelhos de Terraplanagem, incl. peças e acessórios	-11,9	146,9	8,43	8,27	33,43	26,29	26,84	21,88
Extrativa-Mineral	-12,9	115,4	1,45	10,25	0,46	2,69	0,16	0,88
Panificação e Pastifício	-34,4	115,4	0,04	0,22	1,23	0,27	0,93	0,20
Abate de Aves e Preparação de Carnes e Subprodutos	-3,4	107,4	21,74	5,33	0,93	0,50	0,62	0,41
Fabricação de Refrescos Naturais, Mate Solúvel e Outras	-5,9	94,1	0,72	1,42	1,15	0,10	0,73	0,06
Moagem de Trigo	-5,0	92,0	0,00	0,33	13,93	20,88	9,49	16,80
Coeficientes totais			9,60	3,88	18,61	11,09	11,25	7,18
Coeficientes Globais			9,82	7,28	18,98	16,36	11,45	11,09

FONTE: IPARDES

NOTA: Dados de MP e PM extraídos de IPARDES (2002).

⁵Foram excluídos indicadores relativos à capacidade instalada, produtividade total, produtividades médias ponderadas, escala e de grau de concentração. Para mais detalhes dos tipos de reorganização ver seção 3.2 de IPARDES (2002).

TABELA 7 - COEFICIENTES DE COMÉRCIO DA INDÚSTRIA DO PARANÁ SEGUNDO A REORGANIZAÇÃO DE MENOR DINAMISMO COMPETITIVO CONSIDERANDO INDICADORES DE MALHA PRODUTIVA E PRODUTIVIDADE MÉDIA - 1995-2000

GRUPO INDUSTRIAL (SEGUNDO A REORGANIZAÇÃO)	CRESCIMENTO (%)		CE		CI		CP	
	MP	PM	1995	2000	1995	2000	1995	2000
	1995-2000							
Menor dinamismo (com aumento de MP)								
Instrumentos Médicos, Óticos e Aparelhos de medição e controle	82,6	52,7	1,52	2,12	25,16	13,87	12,02	7,59
Outros Produtos da Mecânica	8,0	51,6	2,64	2,01	6,90	21,19	4,58	16,03
Estruturas de Madeira	10,9	35,0	15,45	18,20	0,31	1,29	0,20	0,89
Abate de Suínos e Preparação de Carnes e Subprodutos	21,4	23,6	0,35	12,52	0,93	2,28	0,75	1,90
Confeções	38,2	14,2	0,61	1,31	2,25	1,14	1,76	0,91
Outros produtos da Metalurgia	87,5	11,2	1,25	3,31	2,29	1,19	1,60	0,87
Outros Minerais Não Metálicos	3,9	5,6	0,71	0,66	8,98	5,18	5,32	3,23
Café	50,0	4,0	44,41	48,40	0,88	0,44	0,80	0,38
Sucos e conservas de frutas e legumes	21,7	-0,9	7,88	24,57	31,80	18,60	24,68	13,78
Couros e Peles	5,0	-4,8	24,40	19,76	2,22	0,97	1,62	0,82
Refeições e alimentos conservados	38,1	-13,7	0,22	-	0,35	-	0,30	-
Refrigerantes	40,9	-14,0	0,01	0,08	1,22	0,01	0,91	0,01
Automóveis e Caminhões	20,0	-20,0	6,26	20,90	19,22	35,45	11,25	28,33
Rações e alimentos preparados para animais	26,2	-26,7	8,51	0,89	1,27	1,47	1,09	1,26
Cervejas, Chopp e Malte	300,0	-29,4	0,08	0,52	9,35	20,17	2,67	8,57
Coefficientes Totais			6,35	12,08	7,26	9,86	4,88	7,81
Menor dinamismo (com redução de MP)								
Milho, mandioca e seus derivados e farinhas diversas	-19,1	61,9	10,16	2,23	1,20	4,13	0,84	2,94
Estruturas Metálicas e Artefatos de Serralheria	-17,9	58,6	1,47	4,05	1,09	0,21	0,77	0,16
Óleos e Gorduras Vegetais	-5,4	58,5	35,80	31,61	1,12	5,29	0,98	4,94
Açúcar e adoçantes naturais	0,0	57,0	9,06	18,65	2,55	11,10	2,17	7,73
Editorial e Gráfica	-24,4	47,4	2,03	4,12	4,21	10,31	2,15	6,20
Malharia e Outros Produtos Textéis	-16,0	41,0	1,71	1,06	4,25	3,82	3,13	3,26
Leite e derivados	-7,3	37,0	0,00	0,39	0,92	0,08	0,75	0,07
Desdobramento da Madeira	-18,7	24,1	17,29	36,20	2,49	2,14	1,41	1,25
Abate de Bovinos e Preparação de Carnes e Subprodutos	-32,7	23,6	0,03	4,14	0,06	1,01	0,06	0,86
Fibras e Borrachas Artificiais e Sintéticas	-29,2	17,5	3,63	0,29	9,23	2,05	5,93	1,38
Beneficiamento de café, mate, grãos e fibras	-37,2	13,2	10,73	13,69	7,53	6,58	6,38	5,14
Fabricação de Balaas, Chocolates e Sorvetes	-30,6	-41,6	1,21	0,06	0,28	2,67	0,15	1,87
Equipamentos Eletro-Eletrônicos e de Telecomunicações	-21,5	-54,6	0,41	1,65	36,14	34,48	19,92	29,01
Abate de Reses e Aves e Preparação de Carnes e Subprodutos	-70,0	-56,1	3,27	6,32	1,44	0,28	0,92	0,22
Coefficientes Totais			24,02	17,21	6,97	8,18	11,18	6,86
Coefficientes Globais			17,12	12,90	7,03	9,58	8,72	7,66

FONTE: IPARDES

NOTA: Dados de MP e PM extraídos de IPARDES (2002).

O confronto entre as formas de reorganização e os respectivos coeficientes de comércio não evidencia, para o período analisado, direções mais definidas para a relação entre o desempenho competitivo *versus* inserção comercial, dada a relativa estabilidade desses coeficientes para o conjunto da indústria e o seu comportamento heterogêneo entre os vários ramos, diante dos desempenhos das produtividades registrados. Os coeficientes totais e globais das tabelas 6 e 7 parecem indicar um descolamento entre as políticas de competitividade e de inserção internacional em parcela relevante das indústrias paranaenses.

Há, contudo, ainda que localizadas, nuances que merecem destaque, como, por exemplo, nas reorganizações de maior dinamismo competitivo (ver tabela 6), os ganhos de competitividade *ex ante* (produtividade) associados a coeficientes de exportação mais elevados, em vários ramos.

Isso ocorreu especialmente nas indústrias tecnológicas – exceto pela indústria de partes e peças da automobilística, em que houve inclusive um retrocesso, mas para um patamar ainda alto (18,5%) –, em algumas fornecedoras (com destaque a indústria de chapas e placas de madeira, cujo Coeficiente de Exportação (CE) passa de 19,1% para 29,4% – e nas indústrias tradicionais com algum grau de sofisticação técnica e/ou de alta intensidade de capital, como a de artigos de matéria plástica e a do mobiliário. Entretanto, em alguns casos de forte crescimento dos coeficientes, os patamares alcançados foram baixos, de um modo geral, levando a concluir que os investimentos realizados buscaram prioritariamente atender o mercado interno. Isso se verificou, por exemplo, nos segmentos de fertilizantes e inseticidas, de pigmentos, tintas e vernizes e siderurgia, entre outros.

Por sua vez, os coeficientes de importação cresceram, com maior frequência do que os de exportação, a patamares substancialmente elevados, apontando outra característica do ciclo recente de industrialização. Por efeito da orientação da política econômica ao processo de abertura, em detrimento de estratégias de substituição de importações, a competitividade dos complexos industriais locais veio sendo complementada por considerável aumento da importação de insumos – de custos provavelmente mais baixos, de maior atualização tecnológica ou que, no limite, não são ofertados nem no Estado nem em outra região do País. Destacam-se, nesse processo, os seguintes ramos: fertilizantes e inseticidas, equipamentos de geração, transmissão e distribuição de energia, partes e acessórios e outras partes da automobilística e tratores e máquinas.

Já na maioria das situações de reorganização de menor dinamismo competitivo, o reduzido crescimento da produtividade, se não determinou, contribuiu para a permanência da baixa capacidade exportadora (ver tabela 7). Notadamente, os menores CE ocorreram em ramos intensivos em mão-de-obra, como os de confecções, malharia, e de balas, chocolates e sorvetes, cujas atuações no mercado externo podem ter limites além da produtividade, esbarrando na escala tanto de produção como de comercialização.

Não foi esse o caso da indústria de automóveis e caminhões. As causas de sua inclusão nessa categoria de reorganização, em função da queda de 20% de sua produtividade média, já foram exploradas em IPARDES (2002b), relacionando-se principalmente à baixa ocupação da capacidade instalada no ano de 2000. De qualquer modo, esse foi um dos poucos segmentos no Estado que, desde sua implantação, contemplaram, em seus planos de expansão, o mercado externo, o que se confirmou pelo salto do seu coeficiente de exportação de 6,2% em 1995 para 20,9% em 2000.

Por outro lado, foi menor a necessidade de importação de insumos das indústrias de menor dinamismo em relação às de maior dinamismo competitivo, explicada em grande medida pela disponibilidade local de recursos naturais, sobretudo para os ramos fornecedores e tradicionais, conforme já comentado. Não obstante, houve exceções, não por acaso, em ramos de maior exigência tecnológica como os de instrumentos médicos, outros produtos da mecânica e o automobilístico. Este, do mesmo modo que as indústrias tecnológicas de maior dinamismo competitivo, teve sua competitividade atrelada ao abastecimento de insumos importados, o que se evidencia na evolução dos coeficientes de importação e de penetração de 19,2% para 35,4% e de 11,2% para 28,33% no período em análise.

Essa lógica também se aplicou ao ramo de equipamentos eletroeletrônicos e de telecomunicações, cujos coeficientes de importação estabilizaram-se em patamares superiores a 30%⁶. Nesse caso, a redução da dependência externa de componentes eletrônicos e outros insumos eletroeletrônicos condiciona-se, entre outras alternativas, à revisão de alíquotas de importação (para equipamentos de telecomunicações) e à expansão das indústrias fornecedoras locais em resposta às condições propiciadas pela nova Lei de Informática.

⁶Vale notar que o desempenho negativo da produtividade média desse ramo, que é determinado no Paraná por uma grande planta de equipamentos de telecomunicações, pode ter ocorrido em função de um processo de reestruturação comercial e readequação produtiva de todo o setor, desencadeado pela privatização dos serviços de telecomunicações no País.

Diferentemente dos exemplos anteriores, a capacidade exportadora aumentou ou se manteve em ramos de menor dinâmica competitiva, pautada, inclusive, pelo encolhimento do tecido produtivo. Trata-se, em alguns casos, de ramos tradicionalmente vinculados ao mercado externo, nos quais a disponibilidade de matéria-prima parece compensar o menor ritmo de progresso técnico, a exemplo dos ramos de desdobramento e estruturas da madeira, couros e peles, beneficiamento e café (o qual, de fato, apresentou ganhos de produtividade e expansão de base produtiva na etapa agrícola, com a difusão da técnica do plantio adensado).

Outros ramos ficaram mais próximos do limite superior da taxa de crescimento da produtividade média dessa categoria de reorganização e mantiveram elevados coeficientes de exportação, como o de óleos vegetais, conforme registrado acima; ou, pelo menos, aumentaram seu coeficiente, como o de estruturas metálicas (de 1,5% para 4%). No caso do segmento de milho e mandioca, o declínio dos coeficientes de exportação de 10,2% para 2,2% revela o mercado interno como opção preferencial de destino de sua produção durante a última metade da década passada, tendência, contudo, que pode ser revertida com os investimentos de multinacionais recentemente anunciados para a região noroeste do Estado visando ao atendimento dos mercados americano e europeu.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O levantamento apresentado permite que se façam algumas observações quanto à integração comercial da indústria paranaense nos anos noventa. Inicialmente, houve lenta reversão do viés pró-mercado interno herdado dos anos de proteção e mudanças pontuais das vocações exportadoras da indústria paranaense na década passada. Os esforços de vendas ao mercado externo centraram-se em seus ramos já tradicionais, como das agroindústrias e de alimentos (a qual, aliás, incluiu as novas inserções dos ramos de açúcar e adoçantes e sucos e conservas) e aumentaram, tipicamente, no grupo das indústrias tecnológicas, principalmente no ramo automobilístico. Apesar disso, é possível esperar que as informações de 2001 revelem coeficientes de exportação mais elevados em virtude da continuidade de maturação dos investimentos recentes, sendo especialmente crescentes na indústria automobilística.

Ao mesmo tempo, os fluxos de fornecimento das indústrias fornecedoras e tradicionais (principalmente naquelas de maior conteúdo de recursos naturais) mantiveram-se, em geral, pouco significativos e estáveis. Em contraposição, as importações de insumos foram expressivas e generalizadas nas indústrias tecnológicas, indicando menor competitividade não somente das indústrias fornecedoras do Estado, mas também das do restante do país, já que as firmas compradoras locais também se abastecem em outras regiões.

Já do ponto de vista do processo de reestruturação industrial recente no Estado, os baixos coeficientes, de um modo geral, de exportação e de propensão a exportar – apesar do crescimento significativo na média, e das exceções como as das indústrias automobilística e de chapas e placas de madeira – revelaram o viés pró-mercado interno como principal característica do ciclo recente de investimentos. Por seu turno, os crescentes coeficientes de importação – principalmente nas indústrias tecnológicas – denotaram a importância dos insumos importados para a

competitividade industrial dos segmentos mais dinâmicos, apontando, desse modo, para insuficiências e/ou lacunas das respectivas cadeias locais de fornecimento.

Diante disso, cabem algumas expectativas e orientações. Nas cadeias industriais de fornecimento dos Grupos Fornecedor e Tradicional, é possível esperar pela estabilidade ou por aumentos irrisórios dos coeficientes de importação e de penetração em vista das vantagens locais de produção frente ao mercado internacional. Em especial, essas vantagens recaem nos segmentos de elevada escala e estoque de capital cujos insumos são ofertados em abundância no mercado regional – como no madeireiro, extrativo mineral (auxiliado pelas dificuldades naturais de transporte) e agroindustriais –, ou podem, ainda, ser buscadas no mercado nacional, como o petroquímico (que ruma para a auto-suficiência na produção de petróleo) e o siderúrgico.

Essa estabilidade sob baixos coeficientes deve compensar a provável continuidade de coeficientes elevados nos segmentos tecnológicos, principalmente naqueles formados por empresas multinacionais, como o segmento automobilístico e o de equipamentos eletroeletrônicos e de telecomunicações. Atualmente, persistem limites claros ao desenvolvimento de indústrias fornecedoras nesses segmentos, tanto no Estado como no País, dados por:

- a) insuficiente capacitação tecnológica, desfavorecendo a inserção de firmas locais nos planos de fornecimento de empresas com atuação e interação global;
- b) manutenção, pelos grupos mundiais aqui instalados, tanto em insumos como em produtos acabados, da inovação tecnológica em centros de desenvolvimento internacionais, tornando as unidades locais meras receptoras de tecnologia;
- c) subordinação do desenvolvimento local às decisões de estratégias globais de fornecimento das multinacionais.

Sob outro prisma, os menores efeitos dos processos de abertura e de industrialização recente no Paraná sobre o seu esforço exportador sugerem um

espaço para o melhor aproveitamento do potencial produtivo recentemente acumulado (dado pela ampliação da capacidade instalada e por expressivos ganhos de produtividade obtidos) para o incremento de tal esforço.

De fato, na década atual tem-se registrado novas e importantes incursões, além da automobilística, para a reversão desse panorama. São exemplares os recentes contratos de vendas de miniimpressoras ao mercado norte-americano pela Bematech, de eletroferragens pela Romagnole, também ao mercado norte-americano, e de motores para automóveis pela Tritec (principalmente à Inglaterra), e pela Mecânica Mercosul, da Renault (a partir de 2002), à Europa.

Citem-se, ainda, os investimentos em internalização da produção de tratores de elevada potência pela Case New Holland a partir de 2003. Embora vise, prioritariamente, substituir importações e atender à demanda observada principalmente na Região Centro-Oeste, a empresa, com estes investimentos, não deixa de expandir suas possibilidades de inserção no comércio internacional, especialmente para países da América do Sul, nos quais já possui contratos de fornecimento de colheitadeiras. Finalmente, observa-se a recente compra das instalações da Chrysler pela Tecumseh, cujos planos são produzir motores a combustão e transmissão e exportar cerca de 80% da produção.

A ampliação mais abrangente da capacidade exportadora da indústria paranaense poderia ser viabilizada, em curto ou médio prazo, pelo enfrentamento de dois desafios: aumento da base exportadora e aumento da propensão a exportar das empresas, principalmente daquelas de maior porte, que, segundo Pinheiro e Moreira (2000), contribuiriam para impactos mais significativos sobre o volume global de vendas ao exterior. Conforme se citou, as empresas paranaenses aumentaram suas propensões a exportar em todos os portes industriais, as quais, entretanto, continuaram em baixos patamares, apontando, assim, para sua desejável elevação.

REFERÊNCIAS

ANÁLISE CONJUNTURAL. Curitiba: IPARDES, v.23, n.1-2, jan./fev. 2001. Economia paranaense: indicadores selecionados.

FONSECA, Renato; MENDES, Teresa Cristina M. **Produtividade do capital na indústria brasileira**. Brasília: CNI, 2002. (Texto para discussão, 2)

HAGUENAUER, Lia et al. **Evolução das cadeias produtivas brasileiras na década de 90**. Brasília: IPEA, 2001. (Texto para discussão, 786).

HAGUENAUER, Lia; MARKWALD, Ricardo; POURCHET, Henry. **Estimativas do valor da produção industrial e elaboração dos coeficientes de exportação e importação da indústria brasileira (1985-96)**. Brasília: IPEA, 1998. (Texto para discussão, 563).

IPARDES. **Análise da competitividade da cadeia industrial de carne de frango no Estado do Paraná**. Curitiba, 2002a.

IPARDES. **Crescimento, reestruturação e competitividade industrial no Paraná – 1985/2000**. Curitiba, 2002b.

KUME, Honório. **A política de importação no Plano Real e a estrutura de proteção efetiva**. Rio de Janeiro: IPEA, 1996. (Texto para discussão, 423).

MARKWALD, Ricardo. Exportação das grandes empresas nacionais: poucas e pouco. **Revista Brasileira de Comércio Exterior**, Rio de Janeiro: FUNCEX, n.65, p. 35-36, out./dez. 2000,

MARKWALD, Ricardo. O impacto da abertura comercial sobre a indústria brasileira: balanço de uma década. **Revista Brasileira de Comércio Exterior**, Rio de Janeiro: FUNCEX, n.68, p. 4-25, jul./set. 2001.

MOREIRA, Maurício Mesquita. A indústria brasileira nos anos 90: o que já se pode dizer? In: GIAMBIAGI, Fábio; MOREIRA, Maurício Mesquita (Org.). **A economia brasileira nos anos 90**. Rio de Janeiro: BNDES, 1999a.

MOREIRA, Maurício Mesquita. Estrangeiros em uma economia aberta: impactos recentes sobre a produtividade, a concentração e o comércio exterior. In: GIAMBIAGI, Fábio; MOREIRA, Maurício Mesquita (Org.). **A economia brasileira nos anos 90**. Rio de Janeiro: BNDES, 1999b.

MOREIRA, Maurício Mesquita; PUGA, Fernando Pimentel. **Coeficientes de comércio em 2000: o desafio externo**. Rio de Janeiro: BNDES, 2001. (Nota técnica, 4).

PINHEIRO, Armando Castelar; MOREIRA, Maurício Mesquita. Perfil do exportadores de manufaturados: quais as implicações de política? **Revista Brasileira de Comércio Exterior**, Rio de Janeiro: FUNCEX, v.13, n.65, p.37-51, out./dez. 2000.

WOSCH, Luís Fernando de Oliveira. O comércio exterior paranaense em 2000. **Análise Conjuntural**, Curitiba: IPARDES, v.23, n.1, p.15-17, jan./fev. 2001.

APÉNDICE

TABELA A.1 - ESTRUTURA DA PAUTA DE EXPORTAÇÕES DA INDÚSTRIA DO PARANÁ - 1990-2000

GRUPO INDUSTRIAL	DISTRIBUIÇÃO (%)				
	1990	1995	1998	1999	2000
Eletroeletrônica e telecomunicações					
Equip. eletroeletrônicos e de telecomunicações	1,62	0,44	7,68	2,97	1,03
Equip. de geração, transm. e distribuição de eletricidade	0,43	0,88	1,22	2,35	2,60
Instrum. médicos, óticos e aparelhos de medição e controle	0,25	0,20	0,72	0,57	0,59
Aparelhos e equipamentos domésticos	-	0,60	0,45	0,51	0,59
Partes e peças do material elétrico e de comunicações	-	0,00	0,00	0,00	0,06
Total	2,30	2,12	10,07	6,40	4,86
Máquinas e equipamentos					
Tratores, máquinas e aparelhos de terraplanagem	1,56	1,79	3,71	2,58	1,54
Máquinas ferramentas e máq. operatrizes e caldeiras	2,10	3,19	1,20	2,36	2,30
Outros produtos da mecânica	1,41	0,50	0,60	0,31	0,20
Total	5,07	5,48	5,52	5,25	4,04
Automotiva					
Automóveis e caminhões	2,97	1,50	0,20	9,96	14,46
Partes e acessórios da automobilística	1,07	3,86	5,37	4,12	3,98
Outras partes e peças da automobilística	0,00	0,05	0,24	0,17	0,24
Total	4,05	5,41	5,81	14,25	18,68
Produtos químicos					
Pigmentos, tintas, vernizes e lacas	0,02	0,04	0,02	0,09	0,42
Fertilizantes e inseticidas	0,04	0,22	0,41	0,38	0,76
Fibras e borrachas artificiais e sintéticas	-	0,18	0,26	0,00	0,00
Medicamentos, perfumaria e cosméticos	0,74	0,19	0,62	0,42	0,21
Total	0,80	0,63	1,31	0,90	1,39
Total Grupo Tecnológico	12,22	13,65	22,70	26,80	28,97
Extrativa e minerais não-metálicos					
Extrativa-mineral	0,62	0,20	0,85	0,73	1,00
Cimento e clínquer	-	-	-	-	0,00
Fabricação de azulejos e material sanitário de cerâmica	0,82	2,26	0,96	0,44	0,42
Outros minerais não-metálicos	1,27	0,96	1,27	0,53	0,43
Total	2,71	3,42	3,08	1,70	1,85
Siderurgia e metalurgia					
Siderurgia	0,03	0,40	0,25	0,63	1,14
Estruturas metálicas e artefatos de serralheria	0,02	0,09	0,28	0,15	0,10
Outros produtos da metalurgia	0,63	1,04	1,69	2,12	4,00
Total	0,68	1,53	2,22	2,90	5,23
Petroquímica					
Produtos químicos primários e intermediários	0,07	0,28	0,25	0,16	0,07
Destilação de álcool	-	0,08	0,44	0,18	0,16
Refino de petróleo e produtos do xisto e do carvão	15,18	4,23	2,02	0,01	0,38
Produtos químicos de higiene e limpeza	0,08	0,04	0,05	0,04	0,04
Total	15,33	4,63	2,76	0,40	0,66
Madeira					
Chapas e placas de madeira	0,91	1,97	2,26	3,38	3,68
Desdobramento da madeira	3,14	5,54	6,78	7,04	7,12
Estruturas de madeira	0,11	0,40	0,84	0,93	0,40
Total	4,16	7,91	9,87	11,36	11,20
Papel e gráfica					
Fabricação de papel e papelão	2,83	8,12	3,36	2,94	2,65
Editorial e gráfica	0,00	0,55	0,62	0,84	1,01
Total	2,83	8,67	3,98	3,78	3,66
Agroindústria					
Fiação e tecelagem	6,34	2,65	4,01	1,82	2,46
Óleos e gorduras vegetais	23,12	28,51	22,53	29,68	22,55
Rações e alimentos preparados para animais	-	0,95	0,32	0,53	0,14
Fumo	3,15	4,81	7,43	0,01	0,04
Total	32,60	36,92	34,29	32,03	25,19
Total Grupo Fornecedor	58,31	63,07	56,19	52,16	47,79
Alimentos					
Beneficiamento de café, mate, grãos e fibras	1,67	5,68	1,37	0,84	2,75
Moagem de trigo	-	0,00	0,01	0,00	0,01
Panifício e pastifício	0,01	0,00	0,04	0,01	0,01
Café	6,18	2,93	2,19	1,26	3,29
Milho, mandioca e seus derivados e farinhas diversas	3,98	1,18	0,64	0,27	0,23
Sucos e conservas de frutas e legumes	-	0,16	0,25	0,65	0,52
Refeições e alimentos conservados	-	0,01	-	0,00	-
Abate de bovinos e preparação de carnes e subprodutos	0,14	0,00	0,55	0,92	0,76
Abate de suínos e preparação de carnes e subprodutos	-	0,01	0,13	0,15	0,55
Abate de aves e preparação de carnes e subprodutos	0,60	0,58	0,20	0,33	0,31
Abate de reses e aves e preparação de carnes e subprodutos	1,31	0,28	0,06	0,10	0,07
Abate de outros animais e preparação de carnes e subprodutos	-	0,16	0,34	0,26	0,23
Leite e derivados	-	0,00	0,21	0,15	0,06
Açúcar e adoçantes naturais	-	0,67	1,62	0,54	0,82
Fabricação de balas, chocolates e sorvetes	-	0,02	0,05	0,00	0,00
Total	13,90	11,70	7,66	5,48	9,61
Couros e Peles					
Couros e peles	14,16	7,08	5,20	4,46	5,13
Total	14,16	7,08	5,20	4,46	5,13
Malharia e confecções					
Malharia e outros produtos têxteis	-	0,42	0,49	0,13	0,23
Confecções	0,06	0,41	0,50	0,51	0,93
Total	0,06	0,83	0,99	0,64	1,16
Bebidas					
Cervejas, chopp e malte	0,00	0,00	0,02	0,02	0,03
Refrigerantes	-	0,00	0,00	0,00	0,00
Refrescos naturais, mate solúvel e outras bebidas	0,00	0,03	0,03	0,02	0,05
Total	0,00	0,03	0,05	0,05	0,08
Mobiliário					
Artefatos de madeira, bambu, vime e cortiça	0,08	0,31	0,49	0,25	0,20
Mobiliário	0,26	1,64	1,42	1,78	2,47
Total	0,33	1,94	1,91	2,03	2,67
Artefatos de papel e papelão					
Fabricação de artefatos de papel e papelão	0,32	0,38	0,73	0,57	1,72
Total	0,32	0,38	0,73	0,57	1,72
Artigos de matérias plásticas					
Artigos de matérias plásticas	0,69	1,31	4,57	7,81	2,87
Total	0,69	1,31	4,57	7,81	2,87
Total Grupo Tradicional	29,46	23,28	21,10	21,03	23,24
Total da Indústria	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00

FONTE: IPARDES

TABELA A.2 - ESTRUTURA DA PAUTA DE IMPORTAÇÕES DE INSUMOS DA INDÚSTRIA DO PARANÁ - 1990-2000

GRUPO INDUSTRIAL	DISTRIBUIÇÃO (%)				
	1990	1995	1998	1999	2000
Eletroeletrônica e telecomunicações					
Equip. eletroeletrônicos e de telecomunicações	32,75	20,45	16,58	15,59	17,77
Equip. de geração, transm. e distribuição de eletricidade	1,17	0,93	5,02	3,84	4,41
Instrum. médicos, óticos e aparelhos de medição e controle	3,37	1,56	2,24	2,42	2,07
Aparelhos e equipamentos domésticos	0,00	0,77	0,92	0,46	0,60
Partes e peças do material elétrico e de comunicações	-	0,00	1,65	2,22	3,09
Total	37,28	23,71	26,41	24,52	27,94
Máquinas e equipamentos					
Tratores, máquinas e aparelhos de terraplanagem	0,17	5,56	4,11	4,71	3,99
Máquinas ferramentas e máq. operatrizes e caldeiras	2,85	2,03	5,62	4,51	2,68
Outros produtos da mecânica	1,23	0,84	0,64	0,09	1,56
Total	4,25	8,43	10,37	9,30	8,23
Automotiva					
Automóveis e caminhões	4,11	2,63	1,33	21,96	19,25
Partes e acessórios da automobilística	2,36	2,09	3,46	3,99	5,42
Outras partes e peças da automobilística	0,01	0,01	0,16	0,59	0,75
Total	6,47	4,73	4,94	26,53	25,42
Produtos químicos					
Pigmentos, tintas, vernizes e lacas	0,12	0,10	0,08	0,26	0,47
Fertilizantes e inseticidas	5,32	2,79	5,85	5,05	6,93
Fibras e borrachas artificiais e sintéticas	-	0,28	0,90	0,02	0,01
Medicamentos, perfumaria e cosméticos	0,81	1,20	1,25	1,43	0,12
Total	6,25	4,38	8,08	6,76	7,54
Total Grupo Tecnológico	54,25	41,25	49,79	67,11	69,12
Extrativa e minerais não-metálicos					
Extrativa-mineral	0,00	0,02	0,05	0,01	0,08
Cimento e clínquer	-	-	0,05	0,10	0,20
Fabricação de azulejos e material sanitário de cerâmica	0,01	1,79	0,55	0,02	0,02
Outros minerais não-metálicos	6,32	6,96	10,26	3,58	2,10
Total	6,33	8,77	10,90	3,71	2,40
Siderurgia e metalurgia					
Siderurgia	1,82	0,17	0,17	0,19	0,16
Estruturas metálicas e artefatos de serralheria	-	0,04	0,09	0,05	0,00
Outros produtos da metalurgia	8,33	1,30	2,31	2,47	1,03
Total	10,16	1,51	2,57	2,70	1,19
Petroquímica					
Produtos químicos primários e intermediários	0,34	0,39	0,35	0,30	0,39
Destilação de álcool	-	-	-	-	-
Refino de petróleo e produtos do xisto e do carvão	2,55	29,22	17,05	0,00	0,33
Produtos químicos de higiene e limpeza	0,15	0,02	0,01	0,02	0,03
Total	3,04	29,63	17,41	0,32	0,75
Madeira					
Chapas e placas de madeira	0,04	0,28	0,53	0,38	0,49
Desdobramento da madeira	2,40	0,44	1,11	0,74	0,24
Estruturas de madeira	0,24	0,00	0,02	0,02	0,02
Total	2,67	0,72	1,66	1,13	0,75
Papel e gráfica					
Fabricação de papel e papelão	7,03	3,45	2,30	3,29	3,15
Editorial e gráfica	0,68	0,57	1,64	0,98	1,50
Total	7,71	4,02	3,93	4,27	4,64
Agroindústria					
Fiação e tecelagem	4,94	1,07	1,38	0,86	1,15
Óleos e gorduras vegetais	0,14	0,76	2,53	8,52	3,46
Rações e alimentos preparados para animais	0,00	0,12	0,28	0,31	0,20
Fumo	0,64	2,15	0,19	0,02	0,02
Total	5,72	4,08	4,38	9,72	4,82
Total Grupo Fornecedor	35,63	48,73	40,85	21,85	14,55
Alimentos					
Beneficiamento de café, mate, grãos e fibras	0,74	3,29	0,98	0,56	1,01
Moagem de trigo	-	0,31	0,46	0,71	0,46
Panificação e pastificio	0,49	0,08	0,09	0,03	0,01
Café	0,09	0,05	0,04	0,02	0,03
Milho, mandioca e seus derivados e farinhas diversas	0,34	0,10	0,12	0,49	0,29
Sucos e conservas de frutas e legumes	0,84	0,49	0,63	0,29	0,29
Refeições e alimentos conservados	-	0,01	0,07	0,00	-
Abate de bovinos e preparação de carnes e subprodutos	2,83	0,00	0,35	0,07	0,16
Abate de suínos e preparação de carnes e subprodutos	0,28	0,03	0,01	0,01	0,08
Abate de aves e preparação de carnes e subprodutos	0,72	0,02	0,03	0,03	0,02
Abate de reses e aves e preparação de carnes e subprodutos	0,24	0,08	-	0,00	0,00
Abate de outros animais e preparação de carnes e subprodutos	-	0,02	0,00	0,00	0,00
Leite e derivados	0,09	0,08	0,08	0,04	0,01
Açúcar e adoçantes naturais	-	0,16	0,16	0,02	0,34
Fabricação de balas, chocolates e sorvetes	-	0,00	0,00	0,00	0,02
Total	6,66	4,71	3,02	2,29	2,72
Couros e Peles					
Couros e peles	0,83	0,46	0,17	0,17	0,21
Total	0,83	0,46	0,17	0,17	0,21
Malharia e confecções					
Malharia e outros produtos têxteis	0,03	0,74	0,54	0,16	0,69
Confecções	0,10	1,14	0,32	0,82	0,64
Total	0,12	1,89	0,87	0,98	1,33
Bebidas					
Cervejas, chopp e malte	0,00	0,15	0,56	0,35	0,45
Refrigerantes	-	0,03	0,00	0,00	0,00
Refrescos naturais, mate solúvel e outras bebidas	-	0,03	0,06	0,01	0,00
Total	0,00	0,21	0,62	0,36	0,46
Mobiliário					
Artefatos de madeira, bambu, vime e cortiça	0,70	0,06	0,18	0,22	0,22
Mobiliário	0,33	0,53	0,95	1,50	2,34
Total	1,02	0,58	1,13	1,72	2,56
Artefatos de papel e papelão					
Fabricação de artefatos de papel e papelão	0,69	0,23	0,65	1,60	3,65
Total	0,69	0,23	0,65	1,60	3,65
Artigos de matérias plásticas					
Artigos de matérias plásticas	0,78	1,94	2,89	3,91	5,40
Total	0,78	1,94	2,89	3,91	5,40
Total Grupo Tradicional	10,12	10,02	9,35	11,04	16,33
Total da Indústria	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00

FONTE: IPARDES